



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1158

25.05.2025 (136)

Hitler em guerra : O que é que *realmente* aconteceu?

por A.V. Schaerffenberg

Parte 5

Capítulo 4: Prelúdio para a guerra

Resisteis a qualquer tipo de paz. Quereis a eterna recorrência da guerra e da paz."

Friedrich Nietzsche
Introdução, *Assim falou Zaratustra*

Quando o Terceiro Reich nasceu, a 30 de janeiro de 1933, os opositores, tanto dentro como fora da Alemanha, estavam convencidos de que iria cair em breve. A sua ideia errada foi reforçada com o divisor de águas Roehm Putsch, em julho do ano seguinte. Mas, em 1936, perceberam finalmente que o nacional-socialismo era um fenómeno que só poderia ser eliminado por uma agressão militar externa, que estavam determinados a empregar em circunstâncias apropriadas; por outras pa-

lavras, quando o rearmamento estivesse completo e as massas de gentios noutras terras estivessem suficientemente condicionadas para arriscar as suas vidas como carne para canhão.

Os alemães tinham deposto voluntariamente as suas armas após a Primeira Guerra Mundial, a pedido do Presidente norte-americano Woodrow Wilson, que prometeu que os Aliados se seguiriam pouco depois com os seus próprios programas de desarmamento. Em vez disso, a Grã-Bretanha e a França não só mantiveram as suas forças armadas, como continuaram a desenvolvê-las, anos antes de o Fuehrer se tornar chanceler. "O povo alemão e o governo alemão não exigiram absolutamente nenhuma arma", declarou numa emissão de rádio internacional de 16 de outubro de 1933, "mas sim direitos iguais. Se o mundo decidir eliminar todas as armas até à última metralhadora, então estamos prontos a aderir a essa convenção. Se o mundo decidir abolir *determinados tipos* de armas, então estamos prontos a prescindir delas desde o início. Mas se o mundo decidir que apenas algumas nações se podem armar e outras não, então não estamos dispostos a permitir que sejamos excluídos como um povo com fundamentalmente menos direitos".

Ao longo da década de 1930, apresentou uma proposta após outra para o desarmamento mútuo europeu, apenas para se ver vilipendiado na imprensa aliada como um "fomentador de guerra". Já em 1934, demonstrou a seriedade das suas intenções finais ao nomear Joachim von Ribbentrop como Comissário Especial para o Desarmamento. Onze anos mais tarde, durante os últimos dias do conflito internacional que procurou evitar, Hitler recordou no seu testamento: "Fiz tantas ofertas para a redução e eliminação de armamento, que não podem ser explicadas para toda a eternidade, que a responsabilidade pela eclosão desta guerra não pode recair sobre mim. Além disso, nunca desejei que, após a primeira terrível guerra mundial, surgisse uma segunda guerra contra a Inglaterra ou mesmo contra a América."

Consciente da agitação internacional contra o seu regime devidamente eleito, Hitler agiu rapidamente para estabelecer relações pacíficas com os vizinhos do seu país. A Itália fascista já estava cordialmente disposta em relação à Nova Alemanha por razões ideológicas. Mas a França e a Inglaterra eram velhas inimigas. Para garantir este último, von Ribbentrop negociou o Acordo Naval Anglo-Alemão em Londres, a 18 de junho de 1935. Este acordo reduziu permanentemente o número de navios de guerra da Kriegsmarine para 35% da capacidade de superfície da Royal Navy, provando assim a intenção do Terceiro Reich de nunca desafiar o poder marítimo britânico. Esta medida generosa não foi, no entanto, correspondida. Depois de mais de dois anos de negociações de desarmamento mútuo com os britânicos, estes informaram-no de forma inequívoca que a Inglaterra *não* iria respeitar o Tratado de Versalhes, que eles próprios tinham assinado, ao reduzir a sua

produção militar, mas que iria, de facto, continuar a modernizar e a expandir as suas forças armadas.

Com a incessante agitação judaica para a guerra a aquecer na Grã-Bretanha, como em qualquer outro lugar, Hitler sabia que agora tinha de rearmar a Wehrmacht, se a Alemanha quisesse ter uma hipótese de lutar contra a coligação de Estados judaicos que se formava à sua volta. Para os franceses, num grande esforço para conquistar o inimigo tradicional da Alemanha, Hitler renunciou a todas as reivindicações sobre territórios disputados onde ainda residiam grandes populações dos seus compatriotas (como a Alsácia Lorena) e fez numerosas diligências diplomáticas no sentido da aproximação. Por exemplo, "em 1935, recebeu em Berlim, com honras especiais, uma delegação de cegos de guerra franceses, chefiada pelo deputado Scapini, que também era cego", segundo Leon DeGrelle. E "organizou uma peregrinação de veteranos alemães a Douamont com o objetivo de confraternizar com os seus antigos adversários franceses".

Desde 1928, cinco anos antes da chegada de Hitler ao poder, os estaleiros alemães estavam a construir um navio de guerra que desafiaria a classe *Dunquerque*, o maior tipo de embarcação armada da marinha francesa, mas ele ordenou o seu desmantelamento como um gesto de paz. Os políticos parisienses responderam a estas acções forjando uma aliança militar com a Rússia comunista dirigida especificamente contra o Reich. As suas acções não tinham nada a ver com a diplomacia de Hitler, mas tinham como único objetivo esmagar a Alemanha. Muitos franceses ficaram chocados com o comportamento ultrajante do seu governo. "A partir de agora", exclamou o estadista Benoist-Mechin, após a ratificação do pacto franco-soviético, a 27 de fevereiro de 1936, "estamos num perigoso declive".

Até os britânicos consideraram que os franceses tinham ido longe demais. O seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Sir John Simon, disse ao seu embaixador em França para "fazer saber, em termos inequívocos, que a Inglaterra está perturbada por ver a França concluir um tratado que poderá eventualmente levar à participação numa guerra contra a Alemanha em condições que são incompatíveis com o parágrafo dois do Pacto de Locarno". O parágrafo a que Simon aludia especificava que os seus signatários, entre os quais se encontrava a França, se comprometiam a nunca se aliarem a qualquer Estado com o objetivo de cercar outro país. Os franceses não tinham nada a ganhar e tudo a perder (o que acabaram por fazer) ao alinharem com Estaline contra os seus próprios interesses vitais. Um pacto tão suicida com o Diabo só podia servir os judeus, que agitavam abertamente em todos os países aliados e neutros uma "guerra santa" contra a Alemanha, independentemente do direito internacional ou dos sacrifícios que os gentios teriam de fazer para tornar o mundo seguro para os judeus.

Para demonstrar que não se deixava intimidar por tais tácticas de gangsters, a 7

de março, Hitler enviou as suas tropas para reocupar a Renânia. O seu próprio nome identificava-a como alemã e não francesa. Como parte do espólio que lhes fora prometido pelos especuladores de guerra autores do Tratado de Versalhes, os políticos parisienses, movidos pela ganância e pela vingança eterna, tinham arrancado a Renânia a uma Alemanha do pós-guerra prostrada pela derrota. Os mesmos meios de comunicação social que se indignaram com a "invasão" da Renânia por Hitler nunca publicaram uma palavra sobre "a expulsão de milhares e milhares de famílias das suas casas" pelos franceses (Brinkley, 9). Para humilhar ainda mais os indefesos habitantes da Renânia, foram utilizados soldados coloniais negros do Sudão como tropas de ocupação.

Esta medida desprezível indignou as pessoas em todo o mundo e expôs os franceses como sendo inteiramente movidos por um ódio sem sentido. Numa declaração da British Broadcasting Corporation, o famoso dramaturgo George Bernard Shaw condenou a tomada da Renânia pelos franceses com negros armados como "não jogando o jogo da civilização ocidental". A "re-militarização" do Ruhr por Hitler inverteu esta situação vergonhosa e enviou uma mensagem clara aos políticos franceses: Se provocassem um confronto, seriam os primeiros a sentir as suas consequências. Eles recuaram, mas o mundo tinha entrado na "perigosa ladeira abaixo" para a guerra.

Nunca é demais sublinhar que o Fuehrer só decidiu o rearmamento alemão nesta altura devido às incessantes ameaças francesas e à constante falta de vontade de procurar soluções pacíficas para os problemas internacionais. Enquanto ele se esforçava por chegar a acordo com todos os povos arianos, devido aos seus laços de sangue e cultura, os políticos aliados só pensavam em destruir todos os vestígios do nacional-socialismo, a mando dos seus patrões judeus, que já tinham declarado guerra ao povo alemão. O mesmo navio de guerra que Hitler tinha mandado desmantelar como sinal de boa vontade para com a França, mandou agora reconstruir. Alguns anos mais tarde, os Aliados pagariam caro pela sua recusa em aceitar o seu ramo de oliveira, quando o poderoso cruzador de batalha *Scharnhorst* se tornou o seu flagelo e humilhação no mar.

Enquanto os fantoches políticos franceses do judaísmo internacional brincavam com o fogo, uma coligação marxista em Espanha roubava as eleições nacionais do país através do terror e da corrupção. Apesar de a maioria dos espanhóis ter votado de outra forma, os comunistas e anarquistas tiveram a *ousadia* de chamar à sua nova aliança a Frente "Popular". O governo de Madrid estava prestes a ser sequestrado por esta cabala bolchevique, quando uma verdadeira rebelião popular eclodiu contra ele. No verão de 1936, a Espanha estava mergulhada numa guerra civil. A resistência patriótica foi liderada por José António de Rivera, fundador do Movimento Falangista, a versão espanhola do fascismo. A sua execução por um tribu-

nal canguru comunista desencadeou a resistência nacional.

A 26 de julho, os soviéticos, atentos, aproveitaram a situação interna espanhola, que viam como uma oportunidade para estabelecerem a sua tão sonhada posição na Europa Ocidental. Estaline enviou "conselheiros militares" e material para os republicanos marxistas. Em breve, não só a ajuda financeira, mas também as armas - incluindo os mais recentes caças e bombardeiros da Força Aérea Vermelha - chegaram a Espanha vindas da URSS. Para contrariar este afluxo de homens e armas, os nacionalistas precisavam de transferir imediatamente o seu exército de Marrocos para os campos de batalha ibéricos, mas não tinham meios para o fazer.

Um Francisco Franco desesperado, representando os interesses patrióticos do seu país, apelou à ajuda de Mussolini e Hitler. "Poderíamos nós, fascistas, deixar sem resposta esse grito", perguntava o Duce cinco anos depois, "e ficar indiferentes perante a perpetuação de crimes tão sangrentos cometidos pelas chamadas 'Frentes Populares'? Poderíamos recusar dar a nossa ajuda ao movimento de salvação que tinha encontrado em Antonio Primo de Rivera o seu criador, asceta e mártir? Não. Assim, a nossa primeira esquadrilha de aviões de guerra partiu a 27 de julho de 1936, e nesse mesmo dia tivemos os nossos primeiros mortos."

Por seu lado, o Fuehrer ordenou a transferência de uma frota aérea de aviões de transporte para o Norte de África, de onde transportaram o exército nacionalista para Espanha, mesmo a tempo de impedir a tomada da Península Ibérica pelos Vermelhos. Adolf Hitler concebeu e realizou assim o primeiro transporte aéreo militar da história. Não só salvou a Espanha, mas eventualmente toda a Europa de ser reduzida a uma extensão da União Soviética. Como o Fuehrer comentou mais tarde, "Franco deveria construir um monumento ao Ju-52". O Junkers Ju-52, carinhosamente conhecido como *Tante Ju*, ou "Tia Ju", pelas suas tripulações, foi o avião que transportou as tropas nacionalistas de Marrocos.

Nos três anos seguintes, a Guerra Civil Espanhola ameaçou tornar-se uma conflagração mundial, à medida que Estaline intensificava o apoio aos republicanos. A eles juntaram-se voluntários comunistas do estrangeiro, muitas vezes com a bênção e a ajuda secretas dos seus países. Sob o patrocínio mal disfarçado do primeiro-ministro judeu de França, Leon Blum, atravessaram a fronteira espanhola sem qualquer impedimento. Outros vieram de tão longe como dos Estados Unidos, onde os membros de uma coisa chamada "Brigada Abraham Lincoln" (uma personificação do comunismo judaico, se é que alguma vez existiu) tiveram livre acesso à Guerra Civil de Espanha, apesar da política pública "oficial" de Roosevelt de não-intervenção.

Mas os nacionalistas também atraíram os seus voluntários, desde os fascistas Blue Shirt da Irlanda e os camisas negras italianos, até aos pilotos polacos e expatriados russos. Entre estes encontravam-se os aviadores da *Legião Condor* da

Alemanha, que desempenharam um papel decisivo no desfecho da guerra, ao conquistarem a superioridade aérea para os nacionalistas. A sua saga épica foi escrita por Roy Campbell, um dos grandes nomes da poesia inglesa do século XX e um dos voluntários britânicos de Franco.

Em 27 de abril de 1937, os jornais de todo o mundo encheram-se de indignação com o ataque aéreo à cidade basca indefesa de Guernica. Apareceram fotografias horríveis de 6.000 mulheres e crianças mortas, acompanhadas de títulos que acusavam os "assassinos nazis" de terem causado esta terrível tragédia. Enquanto os jornalistas franceses, ingleses, russos e americanos se esforçavam por inflamar a opinião pública contra os alemães, os pilotos *da Legião Condor* ficavam perplexos, porque nunca tinham bombardeado Guernica. Os seus alvos limitavam-se aos redutos republicanos em torno da cidade vizinha de Bilbau. Embora os mortos civis de Guernica fossem reais, tinham sido de facto chacinados por esquadrões comunistas, que transformaram as suas próprias atrocidades em propaganda anti-fascista. Foram ajudados e incentivados, é claro, pela imprensa mundial, em grande parte simpática, a cujos leitores foi dada a oportunidade de conhecer provas contrárias, nem dos alemães nem da Cruz Vermelha Internacional. A conivência dos comunistas e dos media na distorção da verdade contra os nacional-socialistas tinha sido bastante comum desde o momento em que Adolf Hitler desenvolveu a sua ideologia, em 1920. Mas com Guernica, o âmbito do engano atingiu uma magnitude sem precedentes que seria continuamente repetida e alargada ao longo da Segunda Guerra Mundial, até ao momento atual. A grande verdade da Guerra Civil Espanhola foi o facto de ter sido ganha por elementos patrióticos de toda a Europa, num novo espírito de cooperação que transcendeu as divisões mesquinhas e chauvinistas de outrora.

Esta verdade foi dramatizada em abril de 1939, quando uma gigantesca manifestação foi encenada pelas ruas de Madrid pelas forças vitoriosas do General Franco. Falangistas espanhóis e fascistas italianos desfilaram com legionários Condor alemães e voluntários representando muitas outras nacionalidades europeias. Tinham demonstrado que os piores inimigos da sua raça podiam ser derrotados se se mantivessem unidos como guerreiros arianos - uma prova que validaram novamente nos anos seguintes.

Depois de não terem conseguido esmagar o fascismo e o nacional-socialismo em Espanha, os judeus desiludidos e os seus lacaios procuraram outras oportunidades para reacender a sua "guerra santa". Encontraram duas na Europa Central e de Leste.



NS KAMPFRUF
KAMPFSPARTY DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTY AUSLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

September 1937 20. April 2017 (13)

Der Kampf geht weiter !

Seit lang Jahren nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

„Abwehr des Kommunismus, Verhinderung, Verfolgung und Verurteilung haben nicht ausgereicht, das Recht der gerechten Idee gegen die halb-geliebten Führer Adolf Hitler zu verteidigen.“

Alle Nationalsozialisten sind weiterhin außerhalb Völkern- und Rassenfragen stehen. Sie haben sich nicht von der Erhaltung unserer völkischen Völkern.

Der Bewegung ist nur einer gewachsen, aber die Größe des Reiches Völkern ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der unersättliche Gegner ist aber nicht, das Volkstum – gegen alle völkischen Völkern (Völkern) – in England, Nord-Mittel und Skandinavien, Chinesen und Russen.

Oh „Lüge“ oder „Lüge“, es ist die Wahrheit oder ein „Bewusstsein“, die mit Propagandaarbeit bewirkt oder auf einen bestimmten völkischen oder Nationalsozialisten ist seine Pflicht!

Hilf Hitler!
Gottwald Lank




Boletim de Noticias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.04.2022 (133)

NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.mourningtheneicent.com/truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER
Number 17 (133) Founder 1938 April 26, 2017 (13)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the former National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware entrepreneurs and racial kinemen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are not White immigration, culture erosion, and race-mixing.

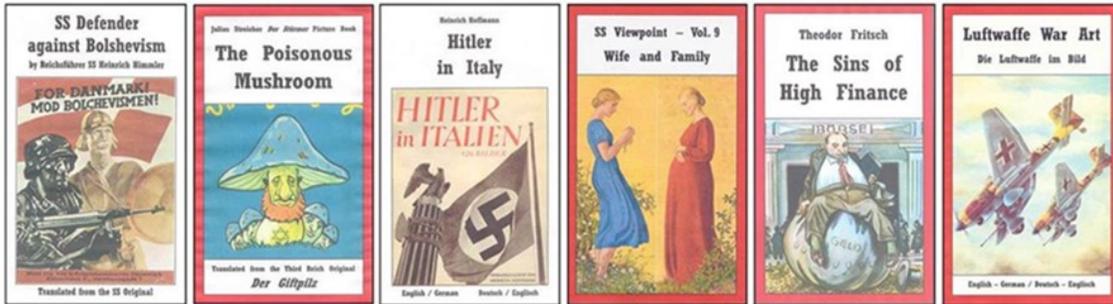
Whether "Lüge" or "Lüge", whether armed with propaganda material or on a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hilf Hitler!
Gottwald Lank



O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!